
O Choro da Princesa Charlotte: as representações do luto infantil pelo jornalismo¹

Thaís Helena Furtado²

Bárbara da Cunha Niedermeyer³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Esta pesquisa busca compreender como o jornalismo brasileiro representa o luto infantil a partir de notícias e reportagens sobre o choro da princesa Charlotte no funeral da sua bisavó, a Rainha Elizabeth II, em 2022. Foram examinadas sete matérias de cinco portais online brasileiros por meio da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Identificaram-se as formações discursivas: A Criança Fragilizada, A Criança Respeitada, A Criança Protegida e A Criança Célebre. É possível afirmar que o jornalismo representou o luto infantil, nesse caso, na forma da criança fragilizada, mas também com forte presença da criança célebre e respeitada, com sentidos interligados no discurso.

Palavras-chave: Jornalismo; Infância; Luto Infantil; Princesa Charlotte; Análise do Discurso.

Introdução

Charlotte Elizabeth Diana, também conhecida como Charlotte de Gales, é a segunda filha do príncipe William e de Kate Middleton, e faz parte da família real britânica, mundialmente conhecida. Em maio de 2024, a jovem princesa completou nove anos. E, apesar de ainda ser uma criança, já precisa lidar com a grande responsabilidade de seguir os protocolos da realeza. No entanto, em setembro de 2022, Charlotte tornou-se manchete de diversos jornais e portais de notícias por um acontecimento aparentemente trivial. A menina emocionou-se com as celebrações do funeral de sua bisavó, a Rainha Elizabeth II, e não conteve as lágrimas. Fotografos presentes na cerimônia fizeram imagens da cena, que logo correram o mundo e chegaram aos portais de notícia brasileiros rapidamente. Diversas matérias que foram publicadas na época

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: thaishfurtado93@gmail.com

³ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: barbara.cunhaen@outlook.com

trouxeram a imagem da princesa chorando e sendo consolada por sua mãe, a princesa Kate. A partir da premissa de Nelson Traquina (2005), de que a morte é sempre um valor-notícia, esta pesquisa busca compreender como o luto infantil é representado no jornalismo brasileiro com base em notícias sobre a princesa Charlotte durante o funeral da sua bisavó, a Rainha Elizabeth II.

Historicamente, a criança já foi estudada a partir de diversos aspectos. Segundo Frota (2007), a palavra infância vem originalmente do latim *infantia*⁴, fazendo referência àquele indivíduo que ainda é incapaz de falar. Para Philippe Ariès (1914-1984), a infância tem um importante papel na sociedade. A partir das pesquisas desse autor, foi inaugurada uma nova perspectiva de estudos sobre as crianças e a infância, e também sobre sua relação com as famílias e a sociedade. Ariès foi o primeiro autor a se aprofundar na noção de infância. Com o tempo, o conceito foi sendo desenvolvido em pesquisas de várias áreas, incluindo o jornalismo.

No Brasil, Furtado (2013; 2018) e Doretto (2012; 2018) destacam a forma como o jornalismo tende a representar essa infância a partir de uma perspectiva emocional e subjetiva e como esses discursos influenciam a forma como a sociedade vê e compreende as crianças. Nesse sentido, para entender como a princesa é vista nos noticiários é preciso entender também como surge o conceito das representações. Para Stuart Hall (2016), a representação é a “produção de significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (Hall, 2016, p. 34). Segundo o autor, é justamente a conexão entre a mente e a linguagem que permite que o jornalista possa se referir ao mundo “real” e também ao imaginário. Nesta pesquisa, é a abordagem de Hall que levaremos em conta no momento da análise.

Em relação às representações das infâncias na prática do jornalismo, Furtado, Garcia e Bressan (2020) entendem que a história da infância que se conhece é a história das representações. Mas, para compreender a forma que ocorrem as representações sociais no jornalismo, também é preciso pensar na ideia de notícia. Segundo Schudson (2010), esse conceito surgiu ainda nos anos 1930, e se tornou a verdadeira base do que se conhece por jornalismo diário. Já Nelson Traquina (2005) entende que as notícias

⁴ Segundo Pagni (2010) num estudo etimológico, a palavra infância vem do latim *infantia* e tem sua origem na junção do verbo *fari* (falar) e de sua negação *in*. “O *infans* é aquele que, como diz Gagnebin (1997, p. 87), ainda não adquiriu ‘o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada’” (Pagni, 2010, p.100).

apresentam um padrão, previsível e estável, já que se baseiam em critérios de noticiabilidade, e são construídas em um processo de percepção, seleção e transformação de matérias primas em produto jornalístico. Os critérios de noticiabilidade, segundo ele, é que determinam se um fato tem valor-notícia ou não.

No caso da cobertura jornalística, tudo o que ocorre com a família real é tão intensa que Charlotte, mesmo sendo criança, já sabe se comportar de uma forma que não quebre as expectativas do público, ou que não fuja da representação imaginada por todos em relação à sua família. A British Broadcasting Corporation (BBC) corporação pública de rádio e televisão britânica e um dos veículos jornalísticos mais conceituados no mundo, por exemplo, já se preparava para a cobertura da morte da Rainha Elizabeth II havia pelo menos 25 anos⁵, mostrando a importância destas pessoas para o jornalismo.

Goffman (2006) afirma que a representação que um indivíduo ou grupo quer passar para o seu público se assemelha a de um ator no teatro. O autor chama de fachada o desempenho de um sujeito frente a seu público, que será específico para cada situação. “Fachada”, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (Goffman, 2006, p. 29). No caso da família real, a fachada é muito bem definida pelos cenários em que seus membros costumam aparecer e pelas fachadas pessoais de todos eles, sempre bem arrumados e contidos nos seus gestos estejam onde estiverem. Ou seja, existe uma representação bem específica pela qual o público espera quando se tratam desses “atores”, como denomina Goffman (2006).

O autor ainda diz que o cenário tende a ser sempre o mesmo nas representações. Poderíamos exemplificar como uma sala de aula para um professor, ou um consultório para o médico, ou a sala específica para os jogadores de futebol concederem entrevistas coletivas depois de um jogo. Quando a representação termina, o “ator” sai daquele cenário. Entretanto, Goffman (2006, p.29) lembra que, apenas em circunstâncias muito excepcionais o cenário acompanha os sujeitos que representam: “Vemos isto num enterro, numa parada cívica e nos cortejos irreais com que se fazem reis e rainhas”.

⁵ A informação foi dada pela jornalista Vivian Oswald ao Uol News. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/09/08/jornalista-bbc-preparava-ha-25-anos-cobertura-do-funeral-da-rainha.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 abr. 2024

Nelson Traquina (2005), acredita que as notícias têm um “padrão geral”, considerado bastante estável e previsível. A partir desse entendimento, para definir o que seria notícia, o autor estudou os critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Entre os valores-notícia definidos, está a morte. Segundo o autor, todos serão notícia ao morrer, as, dependendo da relevância social, receberão uma nota ou uma capa. No caso da Rainha Elizabeth II, apenas uma capa não foi o suficiente. Jornais do mundo afora trouxeram sua morte como manchete principal, devido à notoriedade da personalidade, outro valor-notícia. Segundo o autor, “a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia” (Traquina, 2005, p.79). Além disso, “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia” (Traquina, 2005, p.80). No exemplo que o autor traz em sua obra, o que o presidente da república faz é importante por ele ser presidente da república, e, nesse mesmo sentido, o que a rainha da Inglaterra faz ou o que acontece com ela é importante justamente por ela ser uma rainha. Juntando os valores-notícia morte e notoriedade, se justifica o grande número de notícias sobre o falecimento da monarca.

Por outro lado, é preciso entender a forma que o luto na infância aparece no jornalismo. Por isso, é importante conceituar o que é o luto. Para Santos e Souza (2020), no campo de estudos da psicologia, o luto é um processo inevitável mas mutável, e varia de pessoa a pessoa. “Cada indivíduo vivencia o ‘processo do luto’ de maneira diferente, mediante a cultura, contexto de vida e familiar e o próprio contexto e definição de perda irá influenciar a forma como a pessoa vai enfrentar o luto” (Santos; Souza, 2020, p.7).

Ainda, refletindo sobre os casos em que a criança é incluída pelo jornalismo por fazer parte de uma família com notoriedade, sem que isso tenha sido uma escolha, Marôpo e Jorge (2011) questionam: “É possível encontrar um enquadramento público e político das questões da infância que respeite e promova os direitos das crianças no tratamento noticioso sobre os filhos de celebridades?” (Marôpo; Jorge, 2011, p.147).

Metodologia/análise/resultados

Segundo Eni Orlandi, as palavras que usamos no cotidiano chegam carregadas de sentidos que não sabemos como se construíram e que, no entanto, significam “em nós e para nós” (Orlandi, 2015, p. 19). A partir dos estudos de Pêcheux, “o objeto de

apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma” (Brasil, 2011, p.172). Para Pêcheux (1995), o sentido de uma palavra se constitui de diferentes formas dependendo do contexto e relações de uma Formação Discursiva (FD), sendo uma FD para o autor “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 1995, p. 160). Ainda segundo o autor, em uma FD existem diferentes vozes dissonantes que se relacionam, dialogam, se opõem, pois uma FD é “constitutivamente frequentada por seu outro”, sendo este outro o interdiscurso. (Pêcheux, 1995, p.57).

Nesta pesquisa, o corpus empírico é constituído de notícias de cinco portais online brasileiros: Folha de S. Paulo, O Globo, Estadão, revista Quem (do Grupo Globo) e UOL (do Grupo Folha). Dessa forma, reúne matérias publicadas por esses portais entre os dias 19 e 21 de setembro de 2022, pois, assim que a princesa apareceu chorando – no dia 19 –, os veículos jornalísticos repercutiram o fato. A maioria dos textos confirmam a valorização da instantaneidade pelo jornalismo e datam de 19 de setembro de 2022. Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)⁶, os três Grupos são os de maior circulação digital, segundo os dados mais recentes (2023). Na Tabela 1, apresento as notícias e reportagens, o veículo onde foram publicados, o autor (para matérias assinadas) e também a data de publicação.

Tabela 1: Corpus empírico da pesquisa.

Texto (T)	Título	Veículo	Autor	Data
T1	Charlotte chora no funeral da rainha: como falar de morte com crianças? ⁷	UOL (Grupo Folha)	Rute Pina	19/09/2022
T2	Princesa Charlotte chora	O Globo	-	Sem data

⁶ O Instituto Verificador de Comunicação (IVC) Brasil é uma entidade nacional que não possui fins lucrativos e que realiza uma auditoria multiplataforma de mídia. O objetivo é fornecer dados relacionados à comunicação no país, incluindo tráfego web, em desktops e smartphones, tablets e aplicativos, bem como circulação e eventos, entre outros. Fonte: <https://ivcbrasil.org.br/#/institucional>. Acesso em 02 mai. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/19/george-e-charlotte-no-funeral-da-rainha-como-falar-sobre-morte-com-crianca.html>. Acesso em 04 mai. 2024.

	durante enterro da bisavó ⁸			
T3	Princesa Charlotte chora no funeral da rainha Elizabeth II e é consolada por Kate Middleton ⁹	Revista Quem (Grupo Globo)	Redação Quem	19/09/2022
T4	Britânicos dão último adeus a Elizabeth 2ª, rainha mais duradoura do Reino Unido ¹⁰	Folha de S. Paulo	-	19/09/2022
T5	Funeral da rainha Elizabeth II: veja fotos do dia da cerimônia ¹¹	Estadão	Redação Estadão	19/09/2022
T6	Ao Vivo: Rainha Elizabeth II é sepultada em Windsor acompanhe homenagens à rainha ¹²	Estadão	-	19/09/2022
T7	Charlotte chora no funeral da rainha Elizabeth II e sugere: Como falar sobre a morte com crianças? ¹³	Estadão	Thaíse Ramos	21/09/2022

Fonte: A autora (2024).

Como pode ser visto na Tabela 1, a maioria dos títulos dos textos jornalísticos selecionados destaca o fato de Charlotte estar fragilizada naquele momento. Quatro dos sete textos fazem referência ao choro da princesa no título, sendo eles o T1, T2, T3 e T7. Na análise, os títulos não entraram no corpus discursivo, embora eles confirmem os achados sobre a preponderância de sentidos que encontramos sobre o luto na infância. Foram considerados os textos em si das notícias e reportagens e as legendas que se referiam à

⁸ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/ao-vivo/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-acompanhe-cobertura-em-tempo-real.ghtml?postId=fb1527b4-6fa3-43c7-b53a-a8df8e21a57e>. Acesso em 06 mai. 2024

⁹ Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/09/princesa-charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-e-consolada-por-kate-middleton.html>. Acesso em 04 mai. 2024

¹⁰ Disponível em:

<https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/08/6196-morre-rainha-elizabeth-2-aos-96-anos-no-reino-unido-acompanhe-ao-vivo.shtml#post419614>. Acesso em 10 mai. 2024.

¹¹ Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-veja-fotos-do-dia-da-cerimonia/?current=19>. Acesso em 11 mai. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>.

Acesso em: 11 mai. 2024.

¹³ Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-sugere-como-falar-sobre-a-morte-com-criancas/>. Acesso em 04 mai. 2024

princesa ou ao luto de crianças. Para a realização da Análise do Discurso, foram procuradas sequências discursivas (SDs) nos textos do corpus empírico deste estudo. As sequências discursivas são trechos que têm ligação direta com o tema estudado e com o problema de pesquisa. Neste caso, foram identificadas as SDs que indicam como o luto infantil é representado no jornalismo. O conjunto dessas SDs representa o corpus discursivo.

É importante destacar que uma SD pode conter diferentes sentidos, já que os sentidos não são imutáveis, o que demonstra a existência de interdiscursos. Por isso, utilizamos também o conceito de Incidências Discursivas (ID), que se relacionam diretamente com a ideia de SD. Enquanto a SD é o fragmento do texto em si, as incidências consistem em contar cada vez que os sentidos aparecem nesses trechos identificados. Ou seja, uma mesma SD pode conter mais de uma incidência e, por isso, normalmente encontramos mais IDs do que SDs. No total, foram 49 SDs e 53 IDs identificadas. Identifiquei quatro regiões de sentidos, ou seja, quatro formações discursivas. São elas: A criança fragilizada ; A criança respeitada; A criança protegida e A criança célebre. A Tabela 2 apresenta as FDs, os sentidos que as compõem e a quantidade de IDs presente em cada uma delas.

Tabela 2: Formações Discursivas e seus sentidos.

Formação Discursiva (FD)	Sentidos	Quantidade de IDs	Frequência dos sentidos
A criança fragilizada	Fragilidade; Vulnerabilidade; Incapacidade de controlar as emoções; Vivência do luto; Expressão de tristeza e emoção; Choro; Questionamentos	19	35,85%
A criança respeitada	Sentimentos da criança levados em conta, Aceitação; A criança como personagem principal.	14	26,41%
A criança protegida	A criança vista como incapaz de tomar decisões; superprotegida	5	9,43%
A criança Célebre	Necessidade de seguir comportamentos estabelecidos; Regramento por fazer parte da família real e midiaticizada; A criança como parte da notícia; A criança no contexto da informação e notícias por meio das mídias	15	28,30%

Total:	53	100%
--------	----	------

Fonte: A autora (2024).

Considerações finais

Como resultado desta pesquisa compreende-se que o jornalismo representou o luto infantil, principalmente, na forma de uma criança fragilizada, mas com forte presença da criança célebre e respeitada, com sentidos que se interligam de diferentes formas no discurso, pois, conforme afirma Pêcheux (1995), as regiões de sentido são mutáveis e se entrelaçam. Sendo assim, as FDs mais presentes na totalidade dos textos foram “A Criança Fragilizada”, com 19 IDs, seguida pela “A Criança Célebre”, com 15, e “A Criança Respeitada”, com 14. Dessa forma, uma mesma Sequência Discursiva (SD) pode conter mais de um sentido e pertencer a diferentes FDS. Entendi que “A Criança Fragilizada” e “A Criança Respeitada” podem ser entendidas como representações com sentidos complementares. Isso ocorre porque a criança fragilizada também precisa ser respeitada, ter seu luto compreendido e entendido tanto pelos familiares quanto pelo jornalismo. A partir dessa observação, foi possível perceber também a importância das fontes para o jornalismo, já que, se a psicóloga entrevistada não estivesse presente na matéria, não haveria tantas sequências relacionadas ao respeito pelos infantes, já que o texto seria menos aprofundado e extenso. Segundo Duarte (2005), o uso de entrevistas é justamente o que permite em um texto identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Sendo assim, aliar a psicologia ao jornalismo trouxe mais uma dimensão ao texto. É importante notar, entretanto, que a grande maioria das SDs com o sentido de respeito são de um único texto, construído a partir de um aprofundamento psicológico que os demais, com exceção do T1, não possuem. Sobre a presença significativa da criança célebre, Traquina (2005) diz que o valor-notícia das celebridades tem uma forte ligação com a curiosidade do público sobre a vida privada das figuras públicas. Nesse sentido, Charlotte chorando não só toca pela fragilidade, mas por ser de uma celebridade – ainda mais quando não corresponde à representação que o público espera desse sujeito. Por fim, creio que este trabalho deixa possibilidades para novas pesquisas sobre a princesa Charlotte, temática pouco encontrada na construção do estado da arte, quanto sobre o luto infantil na comunicação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL, Lúcia Leão. MICHEL PÊCHEUX E A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO: DESDOBRAMENTOS IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DE UMA TIPOLOGIA DISCURSIVA DOI: 10.5216/lep.v15i1.25149. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 15, n. 1, jan/jun 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/32465>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DORETTO, Juliana; COSTA, Renata. O mundo da infância e a infância no mundo: vozes de crianças nas revistas brasileiras Veja e Época. **RuMoRes**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 146-169, 2012.

DORETTO, Juliana; FURTADO, Thaís. A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. **E-Compós**, 21(2), 2018.
<https://doi.org/10.30962/ec.147>.. Acesso em 08 abr. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In Duarte, Jorge, Barros, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FURTADO, Thaís; GARCIA, Sophia; BRESSAN, Valentina. A inclusão e a exclusão da voz das crianças na revista Veja. **SBPJor**, [S. l.], p. 1-17, 3 nov. 2020.

FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 149-160.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso. acessos em 31 jan. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: los marcos de la experiencia**. Madri: Siglo XXI, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

MARÔPO, Lidia; JORGE, Ana. Nascer para ser famoso? Os filhos de celebridades e seus direitos na mídia. In: Revista Comunicação Midiática, v.6, n.1,p.134-155, jan/abril. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259486058_Nascer_para_ser_famoso_Os_filhos_de_celebridades_e_seus_direitos_na_midia. Acesso em 17 abr. 2024.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. 98 p.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, n. 42. jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em 11 de jul. 2024.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SANTOS, Franciele Rodrigues dos; SOUZA, Luana Lorrane Marques de. **Influências do luto no processo de aprendizagem**. Faculdade de Educação de Erechim, 2020, p. 1-20. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/17349>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SCHUDSON, Michael. Descobrindo a notícia. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis. **Vozes**. 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Por que as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.